

A  
feiticeira  
e o caçador de  
Baleias



ALEX BITTEN

A  
feiticeira  
*e o caçador de*  
Baleias



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Alex Bitten, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL  
**Raquel Escobar**

ANÁLISE CRÍTICA  
**Márcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

CAPA  
**Sarah Libna**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Bitten, Alex.

A Feiticeira e o Caçador de Baleias / Alex Bitten – 1ª edição – São  
Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-54-0

1. Ficção brasileira 2. Drama 3. Romance I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

Para minha mãe, Isabel.



## A Feiticeira e as Três Meninas

As três meninas se esquivavam entre as pedras, molhadas pela chuva que caía no fim da tarde. O cheiro agradável da areia molhada se misturava ao aroma trazido pelo mar, que batia com força nos rochedos, distantes algumas centenas de metros.

A noite se aproximava, e, no horizonte, algumas nuvens em tons avermelhados diminuía de intensidade, como se a capa de um gigante encobrisse o morro.

Caminhavam em silêncio, parando de vez em quando para ouvir se mais alguém estava na trilha, mas apenas a sinfonia das ondas chegava aos seus ouvidos.

Duas meninas usavam vestidos surrados, estavam descalças e deixavam pequenas pegadas. A última, que caminhava com passos decididos, vestia um belo vestido. Seu sapatinho delicado estava cheio de areia, e ela praguejava para si mesma, arrependida de sua decisão e pensando na explicação que daria para seu desaparecimento.

Sabia que seria castigada, mas a curiosidade era maior do que o medo da punição.

Andavam em fila indiana, em meio à escuridão, seguindo por uma trilha ladeada de pedras altas, escuras e cobertas por um musgo verde e escorregadio.

— Devíamos voltar — sussurrou uma das meninas que andava descalça.

— Clara, não estamos longe. Se não continuarmos, não teremos outra chance.

Quando estavam na praia e haviam decidido o que fariam, Clara se sentira corajosa, mas agora estava arrependida. Era a mais bonita, seus cabelos eram escuros e lisos. Os olhos verdes cor de esmeralda estavam alinhados com o nariz, a boca e o queixo triangular.

A menina com o belo vestido se aproximou.

— Yolanda tem razão, agora não podemos voltar. Se não fizermos nenhum barulho, não há com o que nos preocuparmos. Vamos prosseguir em silêncio. Estou deixando marcas brancas nas pedras com este pedaço de giz que trouxe comigo. Se houver qualquer sinal de perigo, voltamos correndo pelo mesmo caminho.

— Você não tem medo, Sofia, porque está aqui de férias e logo irá embora. Mas nós moramos aqui, junto com Verena. Se ela nos descobrir, vai lançar uma praga sobre Yolanda e eu.

— Verena não vai nos descobrir, Clara — respondeu Sofia. — Somos mais inteligentes e espertas do que ela.

— Mas e se ela nos descobrir?

— Ela não vai nos descobrir — afirmou Yolanda, a menina de cabelos cacheados e rosto redondo, que liderava o grupo. — Não se formos espertas. Nós decidimos que veríamos Verena se tornar uma feiticeira e assumir o lugar de sua mãe. Ela morreu na semana passada, e ouvi minha mãe conversar com as outras mulheres sobre como elas fazem isso na próxima noite de lua cheia.

— Que é hoje — finalizou Sofia.

Clara ia argumentar, mas sentiu que suas amigas estavam determinadas, e o medo de voltar sozinha era maior do que o de seguir em frente.

Subiram pela trilha, venceram uma encosta, onde as pedras aumentaram de tamanho — em alguns momentos, apenas uma pequena abertura entre elas permitia que prosseguissem. Atravessaram uma área em que arbustos espinhosos ladeavam o caminho, com pés de butiá dispostos aleatoriamente na areia, ainda quente pelo sol forte que o aguaceiro não tinha esfriado. A trilha ficou sinuosa, depois desceu até uma pequena enseada.

As três meninas se aproximaram devagar, olharam a estreita faixa de areia, que recebia pequenas ondas. A enseada não tinha mais de dez metros e era ladeada por pedras de vários tamanhos, algumas com mariscos, que apareciam devido à maré baixa.

No meio da clareira tinha sido feito um pequeno círculo com pedras, preenchido com gravetos.

— Verena ainda não chegou. Vamos nos esconder — afirmou Yolanda, trazendo Clara e Sofia de volta à realidade. — Ela vai chegar logo.

Esconderam-se entre as pedras, de onde poderiam ver a cerimônia.

— Será que vai demorar muito? — perguntou Clara.

— Quietas — disse Sofia.

A escuridão envolveu as meninas.

No horizonte, uma luz prateada surgiu do mar, formando uma abóboda, que foi aumentando aos poucos. A lua cheia emergiu do mar devagar, iluminando a enseada com tons azulados, tornando-a densa, como se um encantamento tivesse sido lançado.

— Oh! — exclamaram as meninas ao mesmo tempo, maravilhadas ao contemplar a beleza do fenômeno.

— Que visão linda.

— Nunca vi nada parecido.

— Vai ser hoje — afirmou Sofia. — Vamos ver algo que lembraremos para sempre.

A lua, o mar e a enseada fascinavam suas mentes ingênuas e repletas de imaginação.

Uma figura surgiu entre as pedras, vindo pela trilha que as meninas usaram. Era uma jovem alta e magra, com um vestido longo e uma bolsa de palha nas mãos. Seus cabelos eram escuros e desciam até as costas. Estava descalça. Caminhava devagar e passou em frente às meninas sem as perceber. Parou na praia, deixando que as ondas cansadas, que morriam na areia, lavassem seus pés.

A jovem ficou parada, contemplando a imensidão escura à sua frente, iluminada pela lua, que criava um efeito prateado na água. Largou a bolsa

na areia, deu alguns passos para trás, soltou os botões do vestido e o deixou deslizar pelo corpo.

A figura esguia da jovem nua deixou as meninas boquiabertas. Nunca tinham visto uma mulher sem roupas, e a luz do luar permitia que vissem os seios pequenos, os contornos do seu corpo e a respiração de seu ventre.

Verena entrou no mar e, como uma sereia, nadou nas águas calmas da baía sob os olhares atentos das meninas. Ela saiu, inclinou-se sobre a bolsa, pegou uma pederneira e acendeu a fogueira. As chamas começaram tênues, mas a jovem colocou gravetos, que acenderam os galhos mais grossos. A fogueira aumentou, aquecendo seu corpo.

Levantou-se, virou-se na direção da lua e começou a cantar uma canção numa língua que as meninas não compreenderam. Movendo os braços com graça e leveza, a jovem Verena caminhou ao redor da fogueira, dançando sob a luz da lua. Era o início da cerimônia para substituir sua mãe, Elvira.

As meninas estavam amedrontadas e maravilhadas, porque assistiam a um ritual de feitiçaria.

Um ritual que a tornaria uma feiticeira.

A feiticeira da vila dos caçadores de baleias.

Verena se abaixou, pegou algo na bolsa, levantou-se e voltou a cantar e a dançar ao redor da fogueira. Seu corpo ficou suado e sua pele refletia o brilho das chamas.

Parou de repente, soltou um grito, levou as mãos ao pescoço e caiu de joelhos, fazendo as meninas prenderem a respiração.

O tempo parou após o grito de Verena.

Levantou-se devagar, recitou o que as meninas acreditaram ser um juramento. Colocou a mão fechada sobre a fogueira e a abriu. Algo caiu nas chamas, que chiaram e lançaram labaredas azuladas.

— Oh! — disse Clara, assustada.

Verena olhou ao seu redor e se afastou da fogueira.

Tinha sido descoberta.

Olhava com desconfiança para onde as meninas estavam escondidas.

— Quem está aí?

As meninas se abaixaram nas pedras, mas Verena, sem demonstrar receio, andou para o lado e viu os três vultos atrás das rochas.

– Saiam agora ou as transformarei em sapos.

As meninas se levantaram e, sem dizer nada, caminharam de cabeça baixa na direção da fogueira. Sofia e Clara tremiam de medo, mas Yolanda levantou a cabeça e encarou o olhar da feiticeira.

– Vocês têm ideia do que fizeram?

– Não — afirmou Clara, assustada.

– Sim — disse Yolanda.

– Yolanda, você esteve me seguindo o dia todo. Pensa que não percebi? Você chamou suas amigas, e, como três ratazanas, vieram me espionar?

– A gente só queria ver... — Tentou explicar Clara.

– Silêncio! Não quero desculpas. O mal está feito. Vocês cometeram um grande erro ao virem aqui. O maior que poderiam cometer em suas jovens e miseráveis vidas.

Verena caminhou para o outro lado da fogueira, olhou para a lua, para o mar e depois se voltou para as meninas, que levantaram a cabeça e olharam assustadas para a jovem nua com a face transtornada de ódio.

– Diga, Yolanda, o que esperava ver?

– Nós queríamos ver você dançar.

– Sim — afirmou Clara —, dançar e fazer magia.

– Fazer magia?

– Sim — continuou a menina —, como você fez há pouco para controlar o fogo.

– Como vocês foram tolas. E quanto a você, Sofia? Não vai dizer nada?

– Quando não se tem nada a dizer é melhor ficar em silêncio.

– A mais sábia das três.

– Verena.

– Fale, Yolanda. Explique o que não pode ser explicado! Mostre que tem coragem e tente acalmar a raiva do meu coração.

– Nós não fizemos por mal, apenas ficamos curiosas porque sabíamos que você dançaria para a lua. Mas não se preocupe, não vamos contar para ninguém o que vimos.

– Mas o que vocês viram?

– Você se transformar numa feiticeira.

– Não contarão para ninguém?

As três meninas balançaram a cabeça, afirmando.

– Juram que não contarão o que viram esta noite?

Nova afirmação tripla.

Verena caminhou por trás das meninas, foi até a beira do mar e contemplou a lua. Clara deu um passo para trás e ia correr na direção da trilha.

– Fiquem todas onde estão – disse sem olhar para trás.

Clara voltou para o seu lugar, recebendo um olhar de repreensão das suas amigas.

A jovem caminhou para junto à fogueira, respirou fundo e falou com uma voz poderosa:

– Olhem para mim.

As meninas levantaram a cabeça, e o olhar de Verena parecia soltar faíscas. Dois diamantes presos a uma face de mármore.

Tudo havia se dissipado, como a bruma da manhã ao receber os primeiros raios de sol.

– O juramento será o seu salvo-conduto para deixarem este lugar vivas e em segurança. Se um dia contarem o que viram para alguém, farei um feitiço que encherá suas barrigas com baiacus. Elas vão inchar até explodirem. Se uma contar, todas vão sofrer, estão entendendo?

– Sim – responderam ao mesmo tempo.

– Agora podemos ir embora? – perguntou Yolanda.

– Não. Vocês influenciaram o ritual.

– O que é influenciar? – perguntou Clara, assustada.

– Quer dizer que nós mudamos a magia de Verena – explicou Sofia.

— Nós nos tornamos feitiçeras?

— Não seja tola, Clara. Mas o que vocês fizeram trará consequências para suas vidas.

— O que é consequência? — perguntou Yolanda.

— É algo que vai acontecer com a gente — explicou Sofia.

— Sim, Sofia, é isso mesmo. Vocês não deveriam estar aqui, mas o passado não pode ser alterado. E não haverá tolerância para o que fizeram.

Clara ia perguntar o que era tolerância, mas Sofia segurou sua mão trêmula e a apertou. A menina, com os olhos cheios de lágrimas, olhou para a jovem nua à sua frente e perguntou com a voz engasgada:

— O que vai acontecer conosco?

— Algo terrível — disse a jovem, levantando os braços com os punhos cerrados. — Se Madrugada ainda estivesse vivo, ele transformaria vocês em lagartixas! Vocês não querem espionar? Não querem saber o que as pessoas fazem? Como lagartixas, viveriam comendo moscas e baratas, mas poderiam se esconder nas frestas das casas para ver o que os adultos fazem.

Clara tremeu o corpo, desde os pés até a cabeça. Durante a noite, ela ouvia sua mãe gemer e seu pai emitir grunhidos abafados. Acreditava que eles se apertavam quando iam dormir para relaxar o corpo depois de um dia de trabalho duro no barracão. Às vezes ouvia sua mãe soltar pequenas risadas e depois gemidos que não pareciam de dor. A curiosidade de ver o que faziam atiçava sua mente. Mas não queria se tornar uma lagartixa.

A jovem implorou perdão, mas a expressão de Verena a fez olhar para a areia úmida da enseada.

— Como castigo pelo que fizeram, vocês conhecerão o futuro de suas vidas. Essa será a punição por terem interrompido a minha cerimônia.

— Eu não quero saber o futuro — afirmou Sofia.

— Silêncio! Essa não é uma escolha. Vocês violaram um ritual sagrado e agora sofrerão as consequências. Sou uma Feitiçera do Destino. Posso ver o futuro de vocês, e esse será o seu castigo.

Soltou uma gargalhada que deixou as meninas apavoradas.

— Você — disse, apontando para Clara, que tremeu como se um vento gelado a atingisse. — Você será a primeira. Sim, conhecerá seu futuro. É a mais ingênua das três, a mais tola. Mas, em compensação, se tornará a mais bela. Porque beleza e ingenuidade costumam andar juntas. Irá se casar com um caçador de baleias, o mais corajoso que a armação já viu. Ele será belo, forte e viril, e irá amá-la com toda a força de seu coração. Viverão felizes, como um casal deve ser.

Clara suspirou, aliviada, porque seu futuro era como sempre sonhara.

Verena abriu os braços e arregalou os olhos.

— Sim. Alegria profunda, risos e noites de amor. Mas então... — Fez uma pausa e arregalou os olhos. — O anjo negro virá numa nuvem de poeira e com ele virá a fera. Do fundo do mar, ela virá sem aviso e semeará o medo nos corações dos caçadores. Até mesmo seu marido, o mais valente de todos, sentirá horror ao olhar para seus olhos.

Baixou os braços, parecendo exausta.

— A fera trará dor e ranger de dentes. Então, nada mais será como antes.

Verena apanhou um punhado de areia e depois se inclinou para frente, ficando quase sobre a fogueira.

— Seu ventre é seco como a areia que escorre pelas minhas mãos — afirmou, deixando a menina horrorizada, porque ela não sabia o que significava “ventre”, mas, pela expressão de Verena, não podia ser coisa boa. — Você nunca terá filhos, e essa será sua maior infelicidade. Tentará engravidar, vai me pedir chás, unguentos e feitiços, e eu vou atendê-la. Mas jamais terá um filho para perpetuar o seu nome.

A feiticeira esperou que Clara falasse algo, mas a menina baixou a cabeça para que ninguém visse suas lágrimas.

— Metade da sua vida será de alegria e felicidade, como uma manhã de primavera. Mas será castigada pelo vento da tristeza e da solidão.

Apontou para Sofia.

— Você.

Sofia encarou a feiticeira, reunindo toda a coragem que possuía.

— Eu também sei o seu futuro. Você vem de uma família poderosa, que mora na distante cidade do Rio de Janeiro e está na vila dos caçadores

porque seu pai é o chefe da companhia que enche o navio com o óleo de baleia. Brinca com Clara e Yolanda porque gosta da liberdade que elas têm, mas se considera superior porque sabe ler e escrever, enquanto elas nunca irão para a escola. É a mais sábia, e sempre será assim. Seu coração é forte e sua inteligência se tornará afiada como a lâmina de uma espada. Quando crescer, se tornará bela. Não tão bela quanto Clara, mas parecerá mais bela, porque a beleza de uma mulher pode ficar maior com os cuidados que recebe, e você será muito bem cuidada, cercada de empregados que executarão os trabalhos que fazem a beleza desaparecer. Vai se casar com o homem que seu pai escolher e viverá uma vida cercada de coisas que agradam a alma de uma mulher.

Sofia ouvia atenta às palavras de Verena, enquanto Clara e Yolanda permaneciam de cabeça baixa.

— Mas sabedoria e felicidade jamais andarão juntas. Terá tudo, mas o que aquece seu coração pertencerá a outra. E você a invejará. Mesmo tendo todas as coisas que o mundo pode proporcionar, você a invejará. E usará seu poder para saciar seu desejo e num único dia, em toda a sua vida, encontrará a felicidade com que sempre sonhou.

Verena levantou os braços e gritou com todo o ar que tinha nos pulmões. Então disparou sua sentença como uma flecha, que atingiu o coração da menina:

— Viverá numa gaiola de ouro. Mas será feliz por apenas um dia, que mudará o seu destino.

Sofia ia falar que não acreditava em nada do que tinha ouvido, mas estava tão assustada com a revelação sobre seu futuro que a língua ficou grudada na boca.

Verena se voltou para Yolanda.

— Você foi a responsável por trazer suas amigas até aqui. Foi ideia sua se esconderem nas pedras como escorpiões para observar o que eu estava fazendo. E pensar que um dia eu salvei sua vida. Talvez não devesse ter feito isso, mas o destino quis que eu a tirasse dos braços da morte. E agora sei por quê. Eu vi o seu futuro, Yolanda.

A menina levantou o olhar, reunindo o que restava da coragem em seu amedrontado coração.

– Você se tornará uma mulher forte. Não será bela como Clara nem sábia como Sofia, mas a força que carrega em seu coração um dia baterá por duas vidas. Vai se casar com um homem que a amará enquanto o sopro de ar entrar em seus pulmões. Ele vai liderar os caçadores de baleias, nos momentos bons e nos momentos difíceis, quando a fera surgir. Você será feliz ao seu lado e juntos serão a trilha segura durante o dia e a luz quando a época da escuridão chegar. Três filhos alegrarão o seu coração, tornando sua família forte como nenhuma outra. Um deles se tornará um bravo caçador e sua coragem será lembrada para sempre.

A feiticeira caminhou até o mar. As meninas ficaram paradas como estátuas de pedra, como se um encanto as impedisse de se mover. Verena retornou para a fogueira e se colocou diante da menina.

– Terá três homens em seu coração, mas um dia, quando saírem para caçar, terá que fazer uma escolha, a maior de sua vida. Deverá escolher um deles para entregar ao mar.

– Jamais entregarei alguém para o mar!

– Terá que escolher. Não há como fugir do destino.

Verena fechou os punhos, levantou os braços e soltou um uivo. Aterrorizadas, as meninas tremeram pelo remorso que consumiria seus corações ao longo de suas vidas.

O preço que pagariam por sua ousadia.

– Sumam da minha frente e jamais digam o que viram aqui!

As meninas correram, como se estivessem sido libertadas de uma força invisível, e seguiram pela trilha, sem olhar para trás.

– Corram! – gritou a feiticeira, lançando risos de escárnio. – Não esqueçam seu juramento! Podem fugir deste lugar, mas não podem fugir do destino! A fera virá, trará a vingança do mar e fará a beleza chorar sangue!

Desesperadas, as meninas fugiram da feiticeira.

Mas levavam em seus corações aflitos as revelações de seus destinos.